

O ATAQUE NAS RUAS E NAS REDES SOCIAIS: a (in)suportável presença do (o)outro

THE ATTACK ON THE STREETS AND ON THE SOCIAL MEDIAS: the (un)bearable presence of the other

Olimpia Maluf Souza

Resumo: O momento vivenciado pela Pandemia faz com que se reflita sobre as condições de produção de discursos que têm circulado constantemente pelas mídias, legitimados por uma autoridade que representa a nação brasileira. É a partir disso que podemos dizer sobre as relações que constituem os sujeitos e os sentidos, interpelados por uma memória histórica e social que coloca em funcionamento processos de significação nos modos como os sujeitos lidaram/lidam com a Pandemia. A Pandemia apresenta-se, portanto, como um grande golpe para o sujeito das certezas e para o capitalismo neoliberal, expondo a fragilidade de ambos, mas ela mostra também que precisamos de saúde para todos, de educação de qualidade e de segurança para aprendermos a enfrentar outras pandemias que as condições de desigualdade produziram/produzirão.

Palavras-chave: Redes sociais. Pandemia. Outro.

Abstract: The moment experienced by the Pandemic makes us reflect on the conditions of production of discourses that have constantly circulated in the media, legitimized by an authority that represents the Brazilian nation. It is from this that we can say about the relations that constitute the subjects and the meanings, questioned by a historical and social memory that sets in motion processes of meaning in the ways in which the subjects dealt/deal with the Pandemic. The Pandemic presents itself, therefore, as a major blow to the subject of certainties and to neoliberal capitalism, exposing the fragility of both, but it also shows that we need health for all, quality education and security to learn how to face other pandemics that conditions of inequality have produced/will produce.

Keywords: Social Medias. Pandemic. Other.

1.1 Do sujeito da (in)certeza

No livro *Discurso. Estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (2008) questiona a noção de um *nós*, obliterada do verbo *ganhamos* nos gritos bradados por franceses pela ascensão de Mitterrand ao poder, no maio de 1981, na França. Contudo, mais do que a presença-ausência do termo eclipsado, o que o autor conclama é esse (nós) ganhamos, gritado em uníssono por representantes de várias colorações partidárias, inclusive membros de partido comunista francês (PCF). O autor interroga, então, quem e o que foi ganho com a coalisão que terminou com o poder nas mãos de um candidato do partido socialista, Mitterrand, mas que teve de fazer associações espúrias com vários outros partidos.

O autor fala, então, de um “semanticamente estabilizado”, que nada mais significa do que a naturalização e a evidência do sentido, pois o “ganhamos” só podia ser dito por pessoas

de diferentes partidos por um processo de estabilização dos sentidos e dos sujeitos, posto em curso por uma dada ideologia.

Do mesmo modo que o maio de 81 francês, vivemos, no Brasil, algo que incomoda e estranha, pela relação de similaridade com o evento francês, pois aqui vivemos, como em todo mundo, um tempo de ascensão de um vírus letal e de gigantesca transmissibilidade. O que nos particulariza, no Brasil, é a presença de um negacionismo por parte do dirigente maior da nação, que atribui ao vírus e ao seu alcance adjetivações como “gripezinha”, “chuva” marcando uma posição política que beira à inconsequência em razão da ameaça à vida dos brasileiros e à democracia do país.

Se na França de 81 se gritou, por vozes consonantes, a discordância, conforme apontado por Pêcheux (2008), aqui a dissonância tem se colocado por uma divisão política, que também faz concordância e que gera, especialmente na figura do presidente, dos seus filhos (todos ligado à vida política do país: senador, deputado federal e vereador) e dos seus seguidores, um modo de enfrentamento da Pandemia que funciona de maneira a conformar o ódio e a instalar um modelo que faz funcionar a descrença sobre o poder de letalidade do vírus, trazendo, como consequência, uma postura de desrespeito à vida, de alheamento para com a morte e de ameaça às instituições democráticas, que tentam garantir o bom senso e a governabilidade plural no país.

Nesse imaginário do vírus como “gripezinha”, “chuva” vemos o afrontamento da realidade, marcando, no simbólico, aquilo que deve permanecer silenciado: o vírus mata preferencialmente os que têm déficits imunitários, ou seja, aqueles que, nas palavras do presidente, não são “atletas” como ele, os já doentes, os velhos, os pobres, os presos. Assim, para um vírus dito “democrático”, a condição socioeconômica impôs-se como uma condição de seletividade, marcando os que devem morrer e os que devem viver, visto que os leitos e os respiradores faltam exatamente para aqueles cujas chances já os colocam à margem de uma vida saudável e produtiva.

Nessas condições de produção do discurso da Pandemia, vemos em funcionamento os três registros da estrutura psíquica dos sujeitos: o sistema RSI (real, simbólico e imaginário), conforme definido por Lacan (1998). Nessa ordem de funcionamento, o *real* é a instância da linguagem que não é dada a ver, visto que é o que escapa da linguagem e que, por ser da ordem de um impossível de dizer, o real é “aquilo que não cessa de não se inscrever”, mas sua inscrição

coloca-se como um tropeço, um estorvo, um obstáculo no ritual da linguagem. Então, do que é da ordem do bem dizer, do discurso cuidado, das palavras vicárias que produzem a “certeza” de um dizer inaugural e de sentido único, conformado pela vontade ilusória do sujeito, o real é o que escapa, o que se coloca como hiância, como furo, como falha no dizer.

Do mesmo modo, Pêcheux (1988) afirma o real como algo com o que nos deparamos permanentemente, instalando-se como uma falha, como um furo na ordem do dizer. Assim, em ambos os autores, temos o real como a instalação de um tempo discursivo que não se marca no funcionamento do que a memória conformou para tal noção, pois o real funciona à revelia do sujeito, visto que desarticula, rebuliza, faz balbúrdia nas certezas e nos simulacros das “intenções”, conformando e conferindo ao próprio sujeito uma constitutividade dada aprioristicamente e por ele regulada.

Movido por esses três registros (RSI), o sujeito se institui pela ordem do simbólico e se instala imaginariamente como senhor autônomo e independente do dizer, mas, desde Freud ([1917], 1976), o “[...] eu não é senhor em sua própria casa”, pois algo que vem de um alhures fala nele, antes, em outro lugar e independentemente da sua vontade.

Nesses modos de constituição do sujeito empírico, instalado por uma ilusão necessária e por um narcisismo¹ que lhe é próprio, sofre o terceiro e decisivo grande golpe para a sua descentração, visto carregar um dizer que não é seu, que o torna incapaz de tutelar os sentidos, embora se acredite como origem do dizer, que carrega, por sua vontade, um sentido único, aquele que ele quer conferir ao dizer. Contudo, as palavras por ele empregadas fazem bordas, convocam sentidos outros e fraturam permanente e decisivamente suas certezas e intenções, visto que o sentido só se dá como efeito no interlocutor.

O golpe de dizer sem saber do que se diz causa no sujeito uma “ferida narcísica”, que novamente o desampara, que o instala como um sujeito de incerteza. Nesse processo de incerteza do sujeito, um novo golpe o confronta, o descentra e o coloca como assujeitado a uma

¹ Freud afirma que o sujeito sofreu três grandes golpes que lhe instituíram uma ferida narcísica: 1) golpe cosmológico: a revolução científica de Copérnico, que opôs a teoria heliocêntrica ao geocêntrico; 2) o golpe biológico: a descoberta de Darwin de que o homem descende de um primata e que, portanto, é consequência de ciclos milenares de evolução; 3) a descoberta do inconsciente (pelo próprio autor) faz com que o sujeito não seja “senhor de sua própria casa”. FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). Volume XVII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

situação que seu poder pode muito pouco ou nada: a situação de uma Pandemia, instalada por um vírus que se coloca como senhor da vida e da morte.

Um vírus, um microorganismo que não se pode ver, que não se pode deter (até que se tenha uma vacina), um agente com alto poder de transmissibilidade, com alto poder de letalidade (em dadas circunstâncias) vem mais uma vez descentrar o sujeito, vem fazer-lhe luto, vem trazer-lhe dor, vem ceifar sua vida, vem interromper seus sonhos, seus projetos, seus desejos. É, então, na fala, ou seja, no simbólico, que é capaz de poesia, que a metáfora e a metonímia se instalam, como efeito do seu inconsciente estruturado que é como linguagem, e se tecem como um lugar de sutura desses furos instalados pelo vírus.

O sujeito, constituído ilusoriamente como senhor e dono de si, vê-se, então, impedido de ir às ruas, de tocar o outro, de realizar suas vontades, que são cerceadas por um agente invisível que o impede de demonstrar afeto e de vivenciar o ritual de luto pelos seus.

O ritual de despedida, a primeira fase do luto, a lamentação e o velamento do ente querido não pode se dar. Esse poder de dominação e de interdição ditado pelo vírus nunca foi antes experimentado, pois, mesmo na ditadura militar, os familiares de desaparecidos políticos reivindicavam um corpo para viverem o ritual da despedida, para viverem o luto e chorarem a perda, assim, a busca, a denúncia, a reivindicação era/é por um corpo que possibilitasse/possibilite um fechamento, visto que a incorporeidade na/da morte se abria/abre, como uma brecha, como um vão para uma vida possível. A busca, enfim, era/é pelo fim da incerteza.

Na Pandemia, diferentemente da Ditadura, há um corpo, mas ele não pode ser velado. Então, nessa seara de incertezas, pelo quê se vai lutar? Como se vai enfrentar a dor de tantas perdas? O que se vai combater e com que armas?

O vírus e a Pandemia por ele causada produzem uma ordem de um inominável, de uma incógnita, que produz desamparo, pois afeta o sujeito centrado nas suas certezas e na sua ilusão de tudo saber, poder controlar e tutelar.

O medo e a incerteza sobre os resultados desse ataque viral produzem diferentes efeitos: há os que negam o vírus e o que a ciência diz sobre ele; há os que desenvolvem um fanatismo religioso; há os que experimentam um medo que imobiliza o sujeito, pois o medo, levado a extremos, torna-se terror pelo funcionamento do imaginário.

Nas palavras de Berardi (2020, p. 37),

Lo que provoca pánico es que el virus escapa a nuestro saber: no lo conoce la medicina, no lo conoce el sistema inmunitario. Y lo ignoto de repente detiene la máquina. Un virus semiótico en la psicósfera bloquea el funcionamiento abstracto de la economía, porque sustrae de ella los cuerpos².

Lacan (1988) afirma que se trata de um jogo de antecipação das possibilidades, ditada pelo imaginário, que é atravessado pelo desejo, que é sempre ditado pelo Outro. É, então, nos intervalos entre os significantes que reside a metonímia, que se materializa em objetos metonímicos do desejo, que são objetos pulsionais, visto que o desejo não se dar a conhecer na plenitude, pois só pode ser apreendido pelo sujeito no recobrimento de uma falta pela outra.

Para Berardi (2020, p. 53-54), o medo do desconhecido cria, pelo jogo de imagens, o terror, que é

[...] una condición en la cual lo imaginario domina completamente la imaginación. Lo imaginario es la energía fósil de la mente colectiva, las imágenes que en ella la experiencia ha depositado, la limitación de lo imaginable. La imaginación es la energía renovable y desprejuiciada. No utopía, sino recombinación de los posibles³.

Para a AD, que não trabalha com a categoria do desejo, o que determina o imaginário de um dado sujeito é dado pelo processo de interpelação por uma dada ideologia, que o constitui, inclusive, como sujeito de certeza e de poder sobre os sentidos.

1.2 O trabalho da Ideologia no acontecimento discursivo da Pandemia

A disseminação contínua do Corona vírus desencadeou, para além da questão sanitária, as “aparentemente” adormecidas epidemias ideológicas, que, postas que estavam em estado de latência, materializaram radicalmente a desigualdade, na forma de fake news (notícias falsas), de teorias paranoicas da conspiração, de acirramento do racismo em detrimento de uma supremacia branca, da exacerbação do nacionalismo, do crescimento da xenofobia e da homofobia etc.

² Em tradução livre: “O que provoca pânico é que o vírus escapa ao nosso saber: não o conhece a medicina, não o conhece o sistema imunitário. E o desconhecido de repente para a máquina. Um vírus semiótico na psicósfera bloqueia o funcionamento abstrato da economia, porque remove corpos. [...]”.

³ Em tradução livre: “[...] uma condição em que o imaginário domina completamente a imaginação. O imaginário é a energia fósil da mente coletiva, as imagens que a experiência colocou nela, a limitação do imaginável. A imaginação é energia renovável e imparcial. Não utopia, mas recombinação dos possíveis”.

Nesse movimento, o discurso da ciência colocou-se, por um lado, como imperativo da separação, elegendo, por sua reprodução, os que podem/devem viver/morrer, embora esse mesmo discurso afirme também a universalidade do vírus e sua indistinção para a contaminação. Mas, uma coisa é o poder de contaminação do vírus e a outra é a sua letalidade. Então, o que varia são os efeitos do vírus em cada organismo: o dos saudáveis e o dos doentes, o dos magros e o dos gordos, o dos ricos e o dos pobres. Ter menos saúde, ser obeso, ser um velho mais ou menos saudável diz, invariavelmente, da condição socioeconômica, que determina os que têm de ir às ruas, por seus serviços essenciais, e os que carregam maior potencial de morte pelo vírus, em razão das suas comorbidades, geralmente causadas por maus hábitos alimentares, de saúde, de higiene etc.

Por outro lado, por um discurso que remonta a uma solidariedade samaritana, alimentada de uma esperança altruísta, o discurso da Pandemia se instala também, para além da noção individualizante do estado-nação, por uma “solidariedade” local e uma cooperação mundial em torno de uma resposta efetiva ao vírus, como se dá especialmente com as vacinas.

Esse efeito de evidência, um trabalho sutil e eficaz da ideologia, parece, numa primeira visada, coadunar-se com discursividades religiosas, mas, um olhar mais atento permite vislumbrar o desejo de manter vivo o mercado e seus ditames, afinal, uma população doente adoce, como consequência, a economia do país e do mundo. Então, a solidariedade, a pesquisa por vacinas que debelem o vírus materializa mais a preocupação com a saúde econômica do mercado e menos com os sujeitos que vivem ou morrem à contaminação pelo vírus.

Ferraz (2020)⁴, jornalista do *The Intercept Brasil*, em entrevista com Iacopo Scaramuzzi, alerta, a partir do autor, para o fato de que a direita global se orienta e se fundamenta em princípios da religião católica para instrumentalizá-la como “[...] meio para marcar território, distinguir inimigos e [...] erradicar a diversidade, seja ela representada por gays, muçulmanos, imigrantes ou qualquer outra “modernidade” que ameace a tríade “Deus, pátria, família””.

Há um crescimento e uma guinada mundial da direita em que muitos governantes utilizam-se da religião como mote populista de ascensão e de permanência no poder – podemos citar a democracia cristã de Viktor Orbán, na Hungria; a tradição sacra de Andrezjey Duda, na Polônia; o uso do rosário e do nome de Maria de Matteo Salvini, na Itália, e o “Deus acima de

⁴ FERRAZ, Lucas. “Entrevista: como o cristianismo fundamenta e orienta a direita global”. 27/07/2020. In *The Intercept Brasil*. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/07/27/entrevista-direita-populista-usa-cristianismo-para-criar-sentido-comum-e-respeitabilidade/>. Acesso em 31 jul. 2020.

todos”, de Jair Bolsonaro. Esse fenômeno de guinada à direita com o uso instrumental da religião católica os especialistas designam como movimento do “nacional-catolicismo”. Contudo, o movimento de defesa aparente do cristianismo, na visão de Scaramuzzi, transforma-se “[...] em uma ideologia petrificada, num esqueleto, num monumento aos caídos”, pois, na prática, a política adotada é marcada pela ausência de valores cristãos (basta atentar-se à indiferença genocida de Bolsonaro com relação à Pandemia da Covid-19).

No livro de Scaramuzzi há, segundo Ferraz (2020), um capítulo dedicado ao Brasil no qual o autor, em poucas palavras, resume o governo Bolsonaro como marcado por “[...] alianças entre militares, neoliberais e pentecostais”, ressaltando que o presidente do Brasil declara-se católico, mas alia-se aos evangélicos e a católicos tradicionalistas fazendo uso político do cristianismo quando conclama o “sacrifício” do povo brasileiro para afastar-se do mal (a facada, os ataques da imprensa, a guerra cultural contra valores considerados de esquerda, a “defesa” da nação, da família e dos homens de bem), enquanto implanta reformas econômicas e educacionais de cunho neoliberal.

Como vemos, o uso do cristianismo, aqui e no mundo, serviu/serve ao propósito de exploração capitalista e encontra, na Pandemia, o terreno fértil para reproduzir e fortalecer os poderes dos governantes. Afinal, a adoção do cristianismo implica no uso de uma linguagem quase universal, que dá aos sujeitos a referência cultural e identitária para o engajamento. Mas, o que temos visto é o funcionamento de um simulacro de participação e de pertencimento como condição para a implantação de uma política neoliberal cuja palavra de toque é a produtividade, que dita, a partir das condições de produção de uma economia mundializada, os modos de lidar/erradicar a Pandemia. São os sujeitos velhos, doentes, pobres, presos os que, nesse momento de crise, sobrecarregam os cofres públicos, e que historicamente desequilibram a economia, portanto, são os que podem e devem morrer, nessa forma de negligência forjada de modo a garantir a saúde da economia.

O modo de manifestação dessa ideologia, de acordo com Pêcheux e Orlandi, se dá pelo inconsciente, que Lacan (1966 apud MACKSEY e DONATO, 1976, p. 175), em um dos seus esforços para tentar defini-lo, enuncia como: “o inconsciente é Baltimore, ao amanhecer”⁵:

⁵ Lacan enunciou essa célebre frase, em 1966, quando proferia uma comunicação no *Simpósio Internacional do Centro de Humanidades John Hopkins*, na cidade portuária de Baltimore (EUA), no que ficou conhecido como o *Discurso de Baltimore*.

Quando preparava esta pequena fala para vocês, era cedo pela manhã. Podia ver Baltimore pela janela, e era um momento muito interessante porque ainda não era dia e um sinal luminoso me indicava a cada minuto a mudança do tempo; [...] tudo que podia ver, [...] era o resultado de pensamentos, [...] nos quais a função desempenhada pelos sujeitos não era completamente óbvia. Em qualquer caso, o dito Dasein, como definição do sujeito, se encontrava lá preferencialmente nesse espectador intermitente ou em desvanecimento. A melhor imagem para resumir o inconsciente é Baltimore, ao amanhecer.

O autor, tentando materializar o funcionamento do inconsciente, valeu-se da imagem da cidade, avistada da janela de seu hotel, marcada pelo efeito espectral do lusco-fusco do amanhecer, em que tudo é difuso, em que a presença-ausência produzem efeitos de fantasmagoria, para enunciar o inconsciente como algo que se inscreve permanentemente, mas que não se dá a ver, visto marcar-se pelo funcionamento de uma presença-ausente, aos modos da anedota do Chapéu de Clémentis⁶, apresentada por Courtine (apud INDURSKY, F.; LENDRO-FERREIRA, M. C., 1999).

A abertura causada por esse desvanecimento, produzido pelos modos de manifestação da ideologia pelo inconsciente, tampona os modos de administração da Pandemia, fustigando sujeitos e sentidos que são sobredeterminados por velhas ideologias exercidas por uma elite política que dispõe, que ocupa, que realoca recurso que faz ouvidos moucos aos lamentos dos que perderam/perdem entes queridos ou que ensurdece aos clamores por políticas que alentem a população. Esses ditames, subsumidos pelo desejo de administrar para o mercado, apagam as mortes, as dores, os medos etc., assim, se administra como se não houvesse uma Pandemia.

A eficácia da evidência, ideologicamente marcada pelo trabalho avassalador de naturalização da morte pela Pandemia, faz reavivar uma forma de darwinismo, o social⁷ que, aplicado às sociedades humanas, se encarrega de garantir uma evolução social por seleção

⁶ Trata-se de uma anedota mobilizada por Courtine, da obra de Milan Kundera, para mostrar o funcionamento da memória no processo de esquecimento/lembrança. Na anedota, um líder russo, Klement Gottwald, fala aos correligionários, quando começa a nevar. Um aliado seu, Clémentis, tira o seu próprio chapéu e coloca na cabeça do líder. Mais tarde, a imagem de Clémentis, que traiu Gottwald, é removida da foto, mas seu chapéu continua lá marcado indelevelmente sua presença-ausência. COURTINE, J.J. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento do discurso político. In: INDURSKY, F.; LENDRO-FERREIRA, M. C. *Os múltiplos territórios do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.

⁷ Há quem defenda e quem responsabilize Darwin por esse desdobramento da sua teoria, pois, em *A Origem do Homem*, o autor vale-se da mesma base teórica, contida em *A Origem das Espécies*, para explicar a ascensão social de alguns sujeitos, em detrimento de outros. De fato, o darwinismo social surgiu para explicar a pobreza pós-revolução industrial, afirmando os mais pobres como os menos aptos.

natural. Nesse darwinismo, as características biológicas e sociais superiores de um dado grupo levam à extinção o outro. Esse funcionamento é da ordem de uma atualização da memória, pois esses modos de apropriação das ideias de Darwin, que floresceram no século XIX, ganham atualidade com a Pandemia, quando os traços de superioridade de um grupo sobre o outro se marcam por um maior poder aquisitivo, por uma maior habilidade de lidar de colocar-se como pertencente e participante dos rumos da nação.

Temos, então, em curso aquilo que é da ordem de um acontecimento discursivo, visto que a Pandemia faz atual uma dada memória, que se conformou/conforma pelas diferenças socioculturais.

Nessas condições de produção, o negacionismo se explica e se justifica, pois o sujeito, ao negar a ciência e as evidências dadas pelas estatísticas, nega a possibilidade da sua morte, portanto, nega a sua própria vida, que vive ameaçada, mais do que a daqueles que seguem os protocolos. Dessa maneira, o efeito que a Pandemia produz no negacionista é o de um desfazimento, um desmerecimento, uma minoração das suas evidências.

Do mesmo modo que o negacionista, o sujeito que busca amparo na religião se coloca e coloca tudo nas mãos de Deus. Assim, estes também não se cuidam, pois “Deus está acima de tudo e de todos”. Essa “imunização” dada por Deus produz no sujeito, junto com o discurso divisionista dos que podem e devem morrer, uma certeza de que o vírus não o atingirá, e se, por ventura, ele se contaminar Deus e a sua saúde perfeita (também uma dádiva divina) garantirão sua vida.

Esse discurso produz, como contra efeito, a certeza de vida entre os crentes e a de morte entre os ímpios, a morte não só como ação do vírus, mas como resposta de Deus aos descrentes e destituídos de fé. A morte causada pelo vírus passa a ser efeito de uma vontade divina, de um Deus vingador que protege os seus e que deixa morrer os que não vivem segundo as suas leis.

Esse funcionamento coloca em visibilidade o eterno confronto entre o discurso da ciência e o discurso da fé. Assim, vemos, tanto no negacionismo quanto no fanatismo religioso, o funcionamento de discursos que se coadunam para combater e enfrentar as verdades cruas ditadas pela ciência: o vírus se dissemina em escala geométrica e mata indiscriminadamente, especialmente pessoas ditas da população de risco.

Esse dizer duro da ciência retira o sujeito do centro e novamente ele precisa se adonar da situação, se colocar como senhor de si, então, ou ele nega a ciência ou se apega a Deus (seu pai, seu protetor, visto que foi feito à imagem e semelhança Dele) como solução e força contra as evidências estatísticas, as pesquisas, as mortes aos milhares.

A “aparente” indiferença com a morte parece funcionar, então, como paliativo para lidar com um medo da ameaça tão premente dela. Desse modo, o sujeito nega a ciência, mas recorre, paradoxalmente, a medicamentos que funcionam como placebo para o vírus (a hidroxicloroquina, a ivermectina, a vitamina D, os chás de boldo, entre outros).

Esse funcionamento tem marcado o comportamento do país, durante a Pandemia, assim, basta que o presidente, um leigo em assuntos médicos, adote uma dada medicação para que ela passe a ser defendida como o “bezerro de ouro” para a Pandemia, o que promove uma corrida desesperada às farmácias, esgotando, em pouco tempo, os estoques, que fazem falta e deixam em risco as pessoas que, de fato, necessitam dele. Foi o que aconteceu com a cloroquina, com a ivermectina e com outros medicamentos que podem até aumentar a resistência de um ou outro consumidor, mas que não debela efetivamente o vírus.

De todo modo, a Pandemia tem produzido comportamentos atípicos, mas que se coadunam e que se uniformizam no propósito comum de encontrar saída nesse universo de incertezas, um funcionamento que descentrou/descentra o sujeito e que faz da sua vida uma errância. Daí o excesso de produção de dizeres que são seletivamente lidos, pois só se lê e se crê naquilo que cada posição ideológica permite. Ou seja, é o excesso produzindo o esvaziamento de sentidos outros, para servir de alento ao sujeito da (in)certeza.

Esse estado de Pandemia produz, como consequência, dois discursos, por parte nos especialistas no assunto. De um lado, temos os dizeres marcados pelos ditames da economia, que regularam/regulam o mercado e que obliteram os sujeitos, de outro, dizeres que se sustentam no enfraquecimento da hegemonia do mercado, impondo ao mundo uma nova reinvenção, pois, nas palavras de Žižek (2020, p. 22), “[...] el coronavirus también nos obligará a reinventar el comunismo basado en la confianza en las personas y en la ciencia”⁸.

Nesses modos de formular, vemos duas discursividades em confronto: a da negação do vírus em detrimento de uma exacerbação da crença na economia de mercado, e o da crença na

⁸ Em tradução livre: “[...] o coronavírus também nos obrigará a reinventar o comunismo, alicerçado na confiança nas pessoas e na ciência”.

ciência como mecanismo de debelar o vírus e o processo de destruição causado pelo homem. Para os partidários dessa segunda posição discursiva, o autor afirma que pareceu ser necessária a imposição de uma catástrofe para que começássemos a repensar as características básicas da sociedade individualista à qual fomos lançados e que tão bem naturalizamos.

Nossa compreensão é a de que, nessa relação de forças, que de um lado se impõe uma reinvenção da esquerda mundial e de outro se radicalizam as ideias neoliberais, cujas respostas imediatas na direção de garantir a manutenção da direita conservadora parecem assegurar uma dianteira insuperável para essa posição (talvez a derrota do Trump – a grande referência do pensamento nacionalista e negacionista – pode abrir novas perspectivas de retomada de um pensamento mais humanista e afeito à ciência).

Opondo-se ao discurso dos conservacionistas, Han (2020, p. 100) formula de modo a produzir sentidos de esperança para os efeitos da Pandemia:

El virus no vencerá al capitalismo. La revolución viral no llegará a producirse. Ningún virus es capaz de hacer la revolución. El virus nos aísla e individualiza. No genera ningún sentimiento colectivo fuerte. De algún modo, cada uno se preocupa solo de su propia supervivencia. [...] tenemos que repensar y restringir radicalmente el capitalismo destructivo, y también nuestra ilimitada y destructiva movilidad, para salvarnos a nosotros, para salvar el clima y nuestro bello planeta⁹.

Como vemos, para determinada posição, a Pandemia se estabeleceu como um momento de redenção dos povos, um momento de vida comum (todos quarentenados), de interesses comuns, de solidariedade, de igualdade, afinal todos parecíamos igualmente ameaçados. De outro lado, temos os discursos que negam o sujeito e suas necessidades, em nome do mercado. Mas, nesse embate, tanto em uma posição quanto na outra, o que temos assistido são funcionamentos que se marcam por diferenças sociais e econômicas, que tão bem aprendemos a naturalizar, que instalam um individualismo ainda maior e mais brutal.

⁹ Em tradução livre: “[...] o vírus não derrotará o capitalismo. A revolução viral não vai acontecer. Nenhum vírus é capaz de fazer revolução. O vírus nos isola e nos individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma forma, cada um se importa apenas com sua própria sobrevivência. [...] temos que repensar radicalmente e restringir o capitalismo destrutivo, e também nossa mobilidade ilimitada e destrutiva, para nos salvar, para salvar o clima e nosso belo planeta”.

Vemos esse funcionamento das diferenças materializado nas campanhas de incentivo ao isolamento social em formulações como: “Fique em casa, se puder”. A modalização “se puder” ao imperativo “fique em casa” já indica que há aqueles que não podem ficar em casa, aqueles dos “serviços essenciais”, aqueles que não podem se isolar, aqueles que devem garantir alimentação, transporte, segurança, saúde etc., pois “a economia precisa andar”.

A educação não se encaixa nessas garantias, porque há um simulacro de educação posto em curso, pois ensinar por meio das tecnologias (EAD e Ensino Remoto) só é possível quando os alunos têm acesso e condições materiais para efetivá-lo. Tanto que vemos, em São Paulo, o estado mais rico da união, um percentual de quase 40% dos alunos¹⁰ da rede pública sem nenhuma forma de conectividade. Soma-se aí o desespero dos professores¹¹ que, de suas casas, fazem como podem para tentar levar o conhecimento aos alunos, que, se já era precário e interdito no presencial, é de se imaginar como está se dando no digital.

São esses que não podem ficar em casa que morrem/morrerão aos milhares, são esses cujas mortes naturalizamos, são por esses que um governante irresponsável responde quando questionado sobre o número de mortos pela pandemia: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre” (G1. Política, 24/04/2020)¹².

Petit (2020, p. 56, 57) nos alerta para um fato de que se escancara cotidianamente:

“[...] la naturalización actual de la muerte cancela el pensamiento crítico.[...] solamente van a trabajar y se exponen en el metro [nos ônibus lotados, nas filas em busca de auxílio para a subsistência etc.] aquellos que necesitan el dinero imperiosamente. Cada sociedad tiene sus propias enfermedades, y dichas enfermedades dicen la verdad acerca de esta sociedad¹³.”

¹⁰ A pesquisa TIC Educação 2019 aponta que 39% dos estudantes das escolas públicas urbanas não têm computador ou tablete em casa. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em 26 jun. 2020.

¹¹ Segundo a pesquisa, 53% dos professores informam uma grande dificuldade de realizar o ensino remoto em razão da ausência de curso específico para lidar com a tecnologia (uso do computador e da internet) e 26% alega uma dificuldade média, o que perfaz uma dificuldade da ordem de 79%.

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em 26 jun. 2020.

¹³ Em tradução livre: “[...] a naturalização da morte cancela o pensamento crítico. [...] apenas aqueles que precisam de dinheiro urgentemente vão trabalhar e são expostos no metrô, [nos ônibus lotados, nas filas em busca de auxílio para a subsistência]. Cada sociedade tem suas próprias doenças, e essas doenças dizem a verdade sobre essa sociedade”.

A Pandemia, que muitos diziam passar em pouco tempo, parece que chegou para ficar, e tal presença impõe uma série de profecias macabras: a frequente mutação do vírus, o surgimento de novos vírus mais perigosos, a imposição de um modo definitivo de isolamento social etc. Somada às profecias, o crescente aquecimento global, as tempestades torrenciais, as secas devastadoras, as nuvens de gafanhotos, a fome, a miséria. Estamos ameaçados de todos os modos e essas incertezas nos tornam vulneráveis, suscetíveis, destituídos das nossas certezas, da nossa centralidade e da ilusão de que podemos tudo.

Decorre desse estado de perda crescente da autonomia questões que alteram nossos cuidados pessoais e nossas formas de interação. A liberdade de tocar em objetos e pessoas estão determinadas por distanciamentos que o encerramento da pandemia (não) cessará? A vigilância e o controle serão fortemente exercidos pelo Estado, mas também por nós mesmos e pelo outro, de quem necessitamos e rejeitamos com a mesma veemência?

Nas interações pelo espaço virtual, nosso novo normal, os ataques virais, muito frequentes em um dado momento, quando os sistemas de segurança das máquinas eram mais vulneráveis, parecem agora o lugar da segurança e da normalidade. Nas palavras de Žižek (2020, p. 26), “[...] las infecciones virales funcionan de la mano en ambas dimensiones, real y virtual [...]”¹⁴, tanto que, aparentemente, parecemos prontamente adaptados à nova normalidade: nunca se trabalhou tanto virtualmente, nunca se realizou tantas lives, podcats, encontros de orientação, grupos de estudo etc., mesmo que isso implique um trabalho com apenas uma determinada parcela da sociedade.

Castel (2020) afirma que o “digital é o novo normal”, mas a realidade das escolas brasileiras tem nos mostrado que essa normalidade deixa de fora, agora de forma escancarada, aqueles que, por uma forma eficaz de engodamento, pareciam pertencer à ordem social.

Para Petit (2020), os efeitos colaterais do vírus (despolitização, reestruturação, demissões, mortes etc.) impõem um estado padronizado de emergência, no qual o capitalismo funciona como o grande ceifador de vidas, regulado que é por sua lógica operacional.

Segundo o autor, estamos vivendo um momento em que há

¹⁴ Em tradução livre: “[...] as infecções virais funcionam de mãos dadas nas dimensões real e virtual”.

Drones y controles policiales en las calles. El lenguaje militarizado recuerda el de los manuales de la contrainsurgencia: en la guerra moderna, el enemigo es difícil de definir. El límite entre amigos y enemigos se halla en el interior mismo de la nación, en una misma ciudad, y en ocasiones dentro de la misma familia¹⁵ (op.cit, p. 57).

Trata-se de um estado de guerra que se coloca, contudo, como invisível, pois a guerra a ser travada é (ou deveria ser) a favor da vida. Nesse funcionamento, a mão invisível do mercado colocou tudo em seu lugar: atribuiu recursos, determinou preços e estabeleceu benefícios, de modo a reestabelecer o governo como senhor das tomadas de decisões políticas.

Nas palavras de Petit (2020, p. 58), “El neoliberalismo se pone descaradamente el vestido del Estado guerra. El capital tiene miedo. La incerteza y la inseguridad impugnan la necesidad del mismo Estado. La vida oscura y paroxística, aquello incalculable en su ambivalencia, escapa al algoritmo¹⁶”.

Contudo, o medo não imobiliza o capital, ao contrário, fortalece-o de um modo tal que Trump interceptou uma carga de máscaras e respiradores para o Brasil e outros países, além de chegar a propor a compra da exclusividade de uso de uma vacina de uma empresa alemã, a CureVac, ao que, segundo Butler (2020, p. 61), um político alemão, Karl Lauterbach, ponderou: “[...] La venta exclusiva de una posible vacuna a los Estados Unidos debe evitarse por todos los medios. El capitalismo tiene límites¹⁷”, o que a autora classifica como um auto engrandecimento imoral ou criminoso.

O efeito de uma ideologia que se presentifica no funcionamento ditado pelo mercado é formulado pela autora quando afirma que “La desigualdad social y económica asegurará que el virus discrimine. El virus por sí solo no discrimina, pero los humanos seguramente lo hacemos, modelados como estamos por los poderes entrelazados del nacionalismo, el racismo, la xenofobia y el capitalismo¹⁸” (op.cit, p. 62).

¹⁵ Em tradução livre: “[...] *Drones* e controles policiais nas ruas. A linguagem militarizada lembra a dos manuais de contra-insurgência: na guerra moderna, o inimigo é difícil de definir. O limite entre amigos e inimigos está dentro da nação, na mesma cidade e, às vezes, na mesma família”.

¹⁶ Em tradução livre: “[...] O neoliberalismo descaradamente veste o Estado de guerra. O capital tem medo. A incerteza e a insegurança desafiam a necessidade do próprio Estado. A vida obscura e paroxística, aquela incalculável em sua ambivalência, escapa ao algoritmo”.

¹⁷ Em tradução Livre: “[...] a venda exclusiva de uma possível vacina aos Estados Unidos deve ser evitada por todos os meios. O capitalismo tem limites”.

¹⁸ Em tradução livre: “A desigualdade social e econômica garantirá que o vírus discrimine. O vírus por si só não discrimina, mas os humanos certamente o fazem, moldados que somos pelos poderes entrelaçados do nacionalismo, racismo, xenofobia e capitalismo”.

Considerações finais

A Pandemia apresenta-se como um grande golpe para o sujeito das certezas e para o capitalismo neoliberal, expondo a fragilidade de ambos, mas ela mostra também que precisamos de saúde para todos, de educação de qualidade e de segurança para aprendermos a enfrentar outras pandemias que as condições de desigualdade produziram/produzirão. Nessa direção, a Pandemia reacendeu em nós um lampejo chamado desejo, um desejo de mudança, de um mundo melhor, de pessoas menos individualizadas pelos modos de constituição capitalista dos sujeitos-de-direito, enfim, que o novo normal dite, conforme as palavras de Berardi (2020, p. 54), uma vida mais solidária com “[...] redistribución del ingreso, reducción del tiempo de trabajo. Igualdad, frugalidad, abandono del paradigma del crecimiento, inversión de energías sociales en investigación, en educación, en salud¹⁹”.

Em outras palavras, o coronavírus carrega consigo a destruição e a possibilidade de salvação da vida no planeta, pois nos convoca à humanidade e a um mundo mais sustentável.

Referências

BERARDI, Franco B. “Crónica de la psicodéflición”. In **Sopa de Wuhan**. Pablo Amadeo (org.). Espanha: ASPO Editorial, 2020, p. 35-54.

BUTLER, Judith. “El capitalismo tiene sus límites”. In **Sopa de Wuhan**. Pablo Amadeo (org.). Espanha: ASPO Editorial, 2020, p. 59-65.

COURTINE, J.J. “O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento do discurso político”. In: **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Freda Indurky e Maria Cristina Leandro Ferreira. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzato, 1999.

FERRAZ, Lucas. “Entrevista: como o cristianismo fundamenta e orienta a direita global”. 27/07/2020. In The Intercept Brasil. Disponível: <https://theintercept.com/2020/07/27/entrevista-direita-populista-usa-cristianismo-para-criar-sentido-comum-e-respeitabilidade/>. Acesso em 31 jul. 2020.

FREUD, S. [1910]. **Cinco lições de Psicanálise**, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Volume XI. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda, 1974.

¹⁹ Em tradução livre: “[...] redistribuição de renda, redução do tempo de trabalho, igualdade, frugalidade, abandono do paradigma de crescimento, investimento de energias sociais em pesquisa, educação, saúde”.

_____. [1917-1919]. **Uma dificuldade no caminho da Psicanálise**. Volume XVII. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, RJ, Imago Editora Ltda, 1976.

HAN, Byung-Chul. “La emergencia viral y el mundo de mañana”. In **Sopa de Wuhan**. Pablo Amadeo (org.). Espanha: ASPO Editorial, 2020, p. 97-111.

LACAN, Jacques (1966). “O discurso de Baltimore” In: **A controvérsia estruturalista**: as linguagens da crítica e as ciências do homem. Richard Macksey e Eugenio Donato. Tradução: Carlos Alberto Vogt. São Paulo, SP: Cultrix, 1976.

_____. (1901-1981). **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

PÊCHEUX, Michel [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PETIT, Santiago L. “El coronavirus como declaración de guerra”. In **Sopa de Wuhan**. Pablo Amadeo (org.). Espanha: ASPO Editorial, 2020, p. 55-58.

SCARAMUZZI, Iacopo. **Dio?** In fondo a destra – Perché i populismi sfruttano il cristianesimo. (Deus? No fundo à direita – Porque os populismos desfrutam do cristianismo). Itália: EMI, 2020.

ZIZEK, Slavoj. “Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo de ‘Kill Bill’ y podría conducir a la reinvencción del comunismo”. In **Sopa de Wuhan**. Pablo Amadeo (org.). Espanha: ASPO Editorial, 2020, p. 21-28.